

ANDRADE, Mário de. *Vida do Cantador*. Edição crítica de Raimunda de Brito Batista. Belo Horizonte/Rio de Janeiro, Vila Rica, 1993.

Em viagem de 3 meses a Paraíba e ao Rio Grande do Norte – de dezembro/1928 a fevereiro/1929 – Mário de Andrade fez pesquisas e colheu elementos para seus estudos sobre as manifestações populares do Nordeste brasileiro. No engenho Bom Jardim (RN) conheceu Chico Antonio, cantador de cocos, e com ele trabalhou durante uma semana. Maravilhado com a voz, a criatividade e a originalidade desse "coqueiro" que o "assombrou", transformou-o em protagonista do romance inacabado *O Café* e sujeito das "lições" – como o autor nomeava os textos de *Vida do Cantador*, publicados em sua coluna "Mundo Musical", da *Folha da Manhã*, de 19 de agosto a 23 de setembro de 1943. A estes seguiram-se artigos metalingüísticos, em que procura responder às dúvidas dos leitores sobre usos, costumes, características dos cantadores que aparecem nas "lições".

O escritor retrabalhou os textos publicados na *Folha da Manhã* em recortes colados sobre folhas de papel – em cujas margens fez anotações – e que se encontram no seu acervo, no Arquivo do IEB.

Esses documentos são o ponto de partida para o estudo, na linha da Crítica Genética, de *Vida do Cantador*, feito por Raimunda Batista, que está duplamente capacitada para esse trabalho: ao rigor e à minúcia do filólogo, alia a sensibilidade do crítico e a vantagem de, como Chico Antonio, também ser de lá. Do Nordeste, da Paraíba, e hoje ministrando aulas de Cultura Popular e Folclore na Universidade de Londrina.

Tal origem, e conseqüente afinidade cultural, permite-lhe formular notas esclarecedoras sobre modificações feitas pelo escritor na primeira versão, como é o caso, por exemplo, de explicações para "gralhas" do tipógrafo, desconhecedor de hábitos e cacoetes típicos do nosso caboclo nordestino. Mário de Andrade, havia escrito: "Chico Antonio, cotovelo afincado no muro de pedra, meditando vingança, principiou batendo no canino a unha curta do polegar (...)" (2ª Lição).

No texto impresso, ficou: "batendo no caninho". Raimunda Batista identifica a variante e comenta: "O jornal, desconhecendo o costumeiro gesto nordestino de reflexão — bater no dente — teria 'corrigido' indevidamente a palavra". Com esta nota chama a nossa atenção também para o cuidado de Mário de Andrade com o detalhe e para o seu espírito observador e atento.

A segunda versão apresenta poucas modificações em relação à primeira, mas Raimunda Batista não se limita apenas ao levantamento das variantes e aos comentários sobre as implicações dessas mudanças nos aspectos morfológicos, sintáticos e estilísticos e na busca de uma aproximação da forma popular regional e aumento de sua força poética.

Curiosa, persistente e paciente, seguiu o veio aberto pelas anotações marginais que apontavam leituras ou consultas a serem posteriormente realizadas pelo escritor. Ao localizar, na biblioteca de Mário de Andrade, os livros mencionados, deparou com outras tantas anotações que assinalavam trechos sobre cultura popular. Do deslindeamento dessa trama de informações, em que um dado puxa outro levando o crítico a andar em ziguezague, resultou um trabalho orgânico e equilibrado que reúne um dossiê tanto quanto possível completo, que vai dos textos pré-redacionais (esquemas, notas, planejamento) às versões existentes do texto e aos para-textos (artigos explicativos ou metalingüísticos, leituras de apoio, entrevistas com os cantadores, correspondência).

Merece destaque especial o planejamento da edição: a um belo Prefácio de Eduardo Escorel, também um estudioso da cultura popular e que conheceu pessoalmente Chico Antonio, seguem-se a história do texto, a transcrição da 2ª versão (texto base) de *Vida do Cantador* e dos seus 8 artigos subsequentes, o aparato crítico, o esquema da obra e a reconstituição da pesquisa feita por Mário. A intenção do escritor de ampliar a obra de 6 para 8 textos ou "lições", pôde assim ser apreendida. As páginas finais da presente edição trazem a transcrição do artigo "Chico Antonio", que não consta do acervo de Mário de Andrade e foi localizado pela professora no jornal *A República* (Natal, 27 de janeiro de 1929) bem como a entrevista que lhe foi concedida pelo cantor, em 1980, em Pedro Velho (RN), onde ele morava.

Mais uma vez a morte repentina de um escritor — como Mário de Andrade — deixa o país mais pobre e o crítico com um problema de definição: "Obra acabada, se quisermos aceitá-la nos reparos primeiros que a vida deu, a Mário de Andrade, tempo de executar. Inacabada, a se julgar pela ampliação sugerida e pelo projeto original que supunha não seis, mas oito ou mesmo mais lições. Talvez até as nove que comporiam rigorosamente uma distribuição litúrgica". (p. 29)

Raimunda Batista opta por uma edição genética, publicando todos os passos do escritor na construção do seu texto. Oferece, assim, ao

público a oportunidade não só de aproximar-se de documentação inédita, como, o que é muito importante, a de entrar em contato com o processo de produção da obra que lhe é oferecida.

Pensamos que a informação "edição crítica" na página de rosto deveria, portanto, ser substituída por "edição genética", pois não é do estabelecimento de um texto, mas da gênese de um conto, através do estudo de manuscritos, que trata o trabalho conforme lemos (e grifamos) na Introdução: "Os textos jornalísticos [de Vida do Cantador] têm seu caráter de recortes mudado em originais, manuscritos semelhantes aos 'exemplares de trabalho', onde, sobre os textos impressos, Mário de Andrade cuida da refusão." (p. 29)

*Neuma Cavalcante*

Supervisora de Editoração-IEB-USP

*Eu sou trezentos, sou trezentos-e-concoenta.* Catálogo de exposição. São Paulo, IEB/SMC, 1992.

Por dois meses, entre agosto e setembro de 1992, o Centro Cultural São Paulo abrigou uma grande exposição sobre Mário de Andrade — *Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta* — integrante de um conjunto de projetos da Secretaria Municipal de Cultura especialmente concebidos para focar o V Centenário dos Descobrimentos à luz dos movimentos de reapropriação identitária, de Tiradentes à Semana de Arte Moderna, que responderam entre nós à situação de conquistados, ou de nação falada por outrem.

Tomado como eixo para desenvolvimento desse enfoque em múltiplas direções - artísticas e críticas, de criação e pensamento — o marco de 1922 impunha a figura de Mário de Andrade enquanto iluminadora poderosa da totalidade dos caminhos a percorrer, uma vez que Mário os percorreu todos: artista da palavra, crítico de literatura e de artes, historiador das artes, pensador da cultura erudita e da popular, pensador da relação entre elas, folclorista, musicólogo, colecionador, viajante, dirigente cultural e correspondente monumental. E que os percorreu praticando uma expressão brasileira escrita, pela qual ousávamos uma fala em língua própria, ou tratávamos de nos falar.

Não quiseram os organizadores entronizar o patrono da moderna cultura brasileira, porém, antes, aproveitando a oportunidade dos cinco séculos das grandes viagens, destituí-lo do papel de modernista oficial, às voltas com um combate unívoco, para lhe devolver o de sujeito embaraçosamente dividido — "eu sou trezentos" — este sim à altura de seu tempo de revoluções, e do nosso, de comemorações.